

O TURISMO NO PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES: um espetáculo da natureza para o mundo

Irlene Menezes Graça¹

RESUMO

Apresenta análise sobre o turismo no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, abordando o turismo no contexto da mundialização e o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses como produção de um lugar turístico. Aponta um descompasso entre os mecanismos de manejo e monitoramento do Parque e o fluxo massivo e desordenado de visitantes. Esse processo constitui um obstáculo à sustentabilidade do turismo nos padrões da ideologia difundida no mundo e uma ameaça à preservação, como ecossistema único, dessa área de proteção integral e patrimônio da humanidade.

Palavras-chave: turismo, mundialização, parque nacional, lençóis maranhenses.

ABSTRACT

The text presents a analysis about the “Lençóis Maranhenses” National Park’s tourism, broaching the tourism in the context of the “worldalization” and the “Lençóis Maranhenses” National Park like a production of a touristic place. The article shows the existence of an irregularity between the Park’s management and monitoring mechanisms and the massive and disordered flux of visitors. This process constitutes an obstacle to the sustainability of the tourism in the patterns of the world-widely ideology and a menace to the preservation of this area for full protection, a true world heritage and unique ecosystem.

Keywords – tourism, “worldalization”, national park, lençóis maranhenses.

¹ Doutora. Faculdade São Luís. Irlenemenezes@yahoo.com.br

1 – INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte da tese de doutorado defendida na Universidade de Aveiro em Portugal, (2010). Trata-se, especificamente, de uma parte do segundo capítulo que destaca a cidade de Barreirinhas-Maranhão (Brasil) como principal via de acesso do fluxo turístico ao Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Nesse contexto, o turismo é o grande vetor que mobiliza o imaginário, instiga desejos e cria vontades, produzindo o espaço e redefinindo o tempo. Nos circuitos do turismo, constitui-se, para o mundo, o grande espetáculo da natureza circunscrito nos “Lençóis Maranhenses”. É uma construção midiática em que Estado e empresariado articulam-se, em uma poderosa investida de *marketing*, difundindo imagens e propagando discursos no sentido de mercantilizar esse patrimônio da natureza incitando a demanda do turismo, inserindo assim o local na dinâmica global do capital. Em verdade, efetiva-se a produção de um “lugar turístico” conseguindo fetichizar o grande e singular espetáculo dos Lençóis Maranhenses.

Adentrando na lógica do Turismo, trata-se de uma mercadoria *sui generis*, vendida sob os signos do exótico, do pitoresco, da excitante aventura como espaço para desfrutar o bem viver. É essa uma mercadoria turística com forte apelo no mercado global. De fato, hoje, os Lençóis Maranhenses constituem um dos espaços contemporâneos, com uma poderosa demanda na concorrência do mercado turístico, integrando redes de investimentos que consubstanciam expansão do capital.

Para discutir o PARNA dos Lençóis Maranhenses sob a égide do turismo global, agregamos a discussão de analistas que concebem o turismo no contexto da mundialização do capital, desvendando questões-chave no âmbito da mercantilização e fetichização, da construção material e imaterial, do imaginário turístico, das conexões de tempo e espaço, da paisagem e cultura. Para tanto, apoiamo-nos em estudiosos dos processos da expansão do capital e suas expressões, bem como em especialistas que refletem, de forma específica, as encarnações desse processo global no contexto do turismo. Dentre esses especialistas, destacamos: Carlos, (1999), *O turismo e a produção do não-lugar*; Silveira, (2002), *Da fetichização dos lugares à produção local do turismo*; Coriolano, (2002), *Da sedução do turismo ao turismo de*

sedução. Associamos, a essa discussão, a análise de D'Antona² (2000), *O lugar do Parque Nacional no espaço das comunidades dos Lençóis Maranhenses*, que nos abre vias para pensar especificamente o nosso fenômeno de estudo nas trajetórias do turismo, permitindo-nos visualizar movimentos das populações locais nas conexões espaço – tempo.

2. O TURISMO NO CONTEXTO DA MUNDIALIZAÇÃO: marco de rupturas a delinear novas conexões de espaço e tempo

A lógica da globalização e da modernidade aproxima os lugares, os povos, pois possui uma vocação universalista e cosmopolita; torna os lugares interdependentes no desenvolvimento das atividades industriais e comerciais e agora, nas atividades de lazer. [...] O turismo globalizado vincula-se à expansão do capitalismo e à ideologia da modernidade, quando os lugares mais longínquos passam a fazer parte das redes – investimentos, empregos, negócios, serviços, infra-estrutura, relações sociais, de interesses globais. (CORIOLANO, 2002, p.16-17)

Nas últimas décadas do século XX e primeira do século XXI, vivencia-se, no mundo contemporâneo, uma expansão capitalista que parece não ter limites e controles. Nos circuitos cibernético-informacionais, o capital promove transformações no seu padrão de acumulação e nas suas formas de valorização, nos marcos da mundialização com dominância financeira. De fato, é um novo momento do capitalismo, marcado por transformações tão amplas quanto radicais, num ritmo vertiginoso e alucinante... O espaço virtual desestabiliza nossas referências de localização e tudo parece acontecer rápido demais, em um tempo instantâneo e fugaz. É um mundo de instabilidade e fluidez, com profundas transformações socioculturais, que bem se expressam nas novas conexões de tempo-espaço.

Nessa civilização contemporânea do capital, acirra-se a lógica da mercantilização sem limites, com a universalização da lei do valor a submeter, mais e mais, dimensões da vida coletiva – cultural, espiritual e simbólica – e da natureza ao

² A produção científica de D'Antona (2000), com aportes teóricos sobre as relações entre comunidades tradicionais e unidades de conservação, constitui, de modo especial, uma referência para pesquisadores/as que tenham como universo de investigação as formas de vida e de sociabilidade de sujeitos sociais como pescadores-lavradores residentes em povoados de Barreirinhas, situados dentro e no entorno do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. O autor faz uma abordagem *oikônômica*, que tem como foco o estudo da “interação do homem com o seu meio”. Dentre outras dimensões e níveis dessa relação, analisa a combinação das atividades que constituem a base da subsistência das populações locais – pesca / agricultura e olaria em relação ao tempo e espaço – inverno / verão e praia / interior.

predomínio do valor de troca. Assim, o sistema do capital transpõe barreiras e limites impondo a lógica do mercado a redefinir escalas: o global se localiza e o local se globaliza; constituindo-se, nos termos de Boaventura de Sousa Santos (2002), processos de “localismo globalizado” e de “globalismo localizado”, que operam, em conjunção, determinando hierarquização, desestruturação e reestruturação de espaços, de práticas, de atividades a produzirem diferentes formas de globalização. De fato, são diferentes expressões de mundialização do capital construindo as escalas global-local e reestruturando espaço-tempo.

No âmbito da expansão do capital mundializado, o turismo afirma-se como um setor de atividade econômica que, em seus circuitos, impõe a lógica de mercantilização a diferentes espaços do planeta, redefinindo-os como “espaços turísticos”. Assim, “praias, montanhas e campos entram no circuito da troca, apropriadas, privativamente, como áreas de lazer para quem pode fazer uso delas”. (CARLOS, 1999, p.25) É a “produção de ‘lugares turísticos’ alicerçada, em grande parte, na elaboração de um discurso que contribuiu para a coisificação de uma fetichização de certos pontos do território”. (SILVEIRA, 2002, p.36) É o contexto da produção do turismo a gerar intensos fluxos e deslocamentos, transformando-o em um fenômeno massivo, em escala mundializada. A rigor, é o turismo como um “marco da globalização”. (RODRIGUES, 2002)

Dados do World Travel Tourism Council – WTTC revelam que o turismo é uma das atividades econômicas que mais têm crescido; expandindo-se por todos os lugares, inserindo-se em redes de investimentos, negócios, serviços e relações internacionais. Assim, vem consolidando-se de forma competitiva, no ramo da exportação, como uma das estratégias do capitalismo global a ampliar mercados, transformando espaços em produtos de consumo e construindo imagens através da publicidade. (TSUJI, 2002)

Para delinear, com maior visibilidade, a ação do turismo no Brasil contemporâneo, cabe circunscrever determinadas marcas dos processos de ajuste do país à nova ordem do capital, configurando o que se convencionou chamar de “ajuste estrutural brasileiro”. De fato, o Brasil, tardiamente, nos anos 90, insere-se no ciclo de ajuste latino-americano de forma intensiva, subordinada, periférica e essencialmente fragmentada, desenvolvendo uma inserção marcadamente seletiva, que tem, como contra-face, o abandono de áreas definidas pelo mercado global como não

competitivas. (CARVALHO, 2001; 2003) Assim, tal inserção tende a ser amplamente diferenciada, considerando os diversos subespaços desse amplo e heterogêneo país.

No espaço turístico que tomamos como campo de investigação, a diversidade nordestina expressa-se em um espetáculo exótico de dunas livres, lagoas, manguezais, vegetação de restinga, exuberância da flora. É o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses; de fato, “um espetáculo da natureza para o mundo” em seus lençóis de areias que se movem entrecortados por cursos fluviais. É inconteste a sua força de atração turística vinculando Maranhão e Lençóis em uma hibridização dos tempos contemporâneos.

3. PARQUE NACIONAL DOS LENÇÓIS MARANHENSES: a produção de um lugar turístico

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses (PNLM) foi criado em 02.06.1981, pelo Dec. Lei 86.060, como área especial de proteção ambiental. Assim, numa descrição resumida de especialistas, o Parque possui como elementos característicos: “[...] uma série de dunas que se prolongam desde o Golfo Maranhense até a foz do Rio Parnaíba. A costa apresenta-se baixa, com dunas elevadas, restingas, lagoas e ilhas, raros manguezais e com amplas desembocaduras”. (IBAMA, 1989, p.78) Outro dado importante refere-se à origem do nome atribuído à unidade:

A característica fisiográfica do Parque, devido apresentar uma área de relevo plano, constituído por areias quartzosas marinhas e cordões de imensas dunas de coloração branca, as quais assemelham-se a ‘lençóis jogados sobre a cama’, originou a denominação da Unidade de Conservação de *Lençóis Maranhenses*. (INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS, 2002 p. 5)

A produção do PNLM, como espaço turístico, mobiliza discursos e imagens que difundem o inusitado do local para o mercado global. É a efetivação de uma globalização do imaginário, mediante a qual se exporta a natureza tomada como marca, sinal, índice do peculiar que define o território. (FERRARA, 1994)

Érika Fernandes-Pinto, uma das primeiras gestoras do PNLM, chama atenção para a condição privilegiada desse Parque nos circuitos turísticos globais, a partir de sua divulgação intensiva na mídia nacional e internacional. Afirma ela:

Amiúde o PNLM não ser oficialmente aberto à visitação, paradoxalmente este Parque é uma das UCs brasileiras mais divulgadas na mídia televisiva, além de uso de imagens da unidade para os diversos fins – cartazes publicitários, folderes, programas de televisão, documentários, vídeo-clipes, comerciais, filmes de curta e longa metragem, campanhas institucionais, estampa de *souvenirs*, entre outros. Além da mídia regional, estadual e nacional, a divulgação da unidade e o uso de sua imagem atingem também a mídia internacional. (FERNANDES-PINTO, et al, 2007, p.6)

A rigor, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses encarna um aparente paradoxo: não estar oficialmente aberto à visitação³ e, no entanto, receber intensos fluxos turísticos, oriundos de diferentes espaços do globo. De fato, tem-se a liberação do PNLM para o mundo pela força da “globalização do imaginário”, que propaga as especificidades desse espaço local, tornando-o absolutamente único em imagens, a circular nos espaços midiáticos estimulando desejos de desfrutar dos encantos de dunas de areias que se movem em meio a lagoas e rios.

O turismo global, em suas novas conexões de espaço-tempo, transforma o território do Maranhão, circunscrito no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, em uma mercadoria inusitada nos circuitos do mercado global, deflagrando um aumento crescente e desordenado dos fluxos turísticos.

Essa intensa mercantilização do PARNA dos Lençóis Maranhenses, como lugar turístico global, a gestar vertiginoso aumento dos fluxos turísticos para além dos necessários mecanismos institucionais de controle, vem colocando em questão a preservação desse espaço local, que assume a condição de patrimônio da humanidade. Nessa perspectiva, o discurso do chefe do PNLM é emblemático da consciência desta dimensão universal desse patrimônio ambiental situado em terras maranhenses:

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses pertence não apenas à população de Barreirinhas ou à população residente dentro dele ou à população do Maranhão, mas a toda a população brasileira, ou mesmo, a toda a população mundial, se reconhecemos que ali existe um ecossistema único que precisa ser preservado na sua inteireza (Informação oral).⁴

³ Essa era a situação oficial até o término de nossa pesquisa de campo, em setembro de 2008.

⁴ Entrevista com o chefe do PNLM em outubro de 2006.

De fato, como unidade de conservação (UC) de proteção integral, o PNLM está sujeito à legislação ambiental vigente, sendo que o ordenamento do uso público está previsto no Plano de Manejo homologado em 2003. No entanto, na prática, esse processo de manejo tem se configurado de forma contraditória às normas institucionais específicas para unidades de conservação. Em princípio, existe um ato normativo do Ministério do Meio Ambiente que orienta sobre a visitação em UCs, sublinhando que essa atividade “deve ser cuidadosamente planejada para que possa cumprir os objetivos de sua criação, além de funcionar como uma ferramenta de sensibilização da sociedade sobre a importância da conservação da biodiversidade e como um vetor de desenvolvimento local e regional”. (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente, 2006, p. 9) Estudiosos e especialistas em áreas de Parques alertam que o planejamento e a normatização devem ocorrer antes do início do fluxo turístico e, ao mesmo tempo, devem definir estratégias de controle e monitoramento das atividades (FERNANDES- PINTO et al, 2007).

No caso específico do PNLM, é flagrante o descompasso entre o manejo e monitoramento e a demanda turística massiva, gerando como consequências: “o aumento desenfreado e desordenado do fluxo de visitantes e a concentração da atividade no tempo e no espaço, além da prática de atividades conflitantes com a existência de uma área protegida”. (FERNANDES-PINTO et al., 2007, p.5) Em verdade, o global impõe seu ritmo ao local, criando descompassos e comprometendo a perspectiva de um turismo sustentável que preserve os Lençóis Maranhenses como um espetáculo da natureza para o mundo.

Adentrando na produção do turismo, no PARNA dos Lençóis Maranhenses, cabe destacar um conjunto de fatores que concorreu para o acelerado crescimento da atividade turística na região, dentre os quais, podem ser destacados os seguintes: a construção da estrada MA-402, facilitando o acesso da capital do Estado, São Luís, para Barreirinhas; a divulgação intensa e massiva dos Lençóis Maranhenses na mídia nacional e internacional e a execução de projetos de estímulo ao desenvolvimento do turismo na região, tendo como foco a divulgação dos atrativos.

Em verdade, a demanda turística impõe-se como uma força em confronto com mecanismos de ordenamento do uso público. É a força do mercado diante do Estado que, via de regra, não dispõe dos recursos institucionais para controlar a voracidade dos interesses que alimentam a demanda turística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses é, hoje, um “*espaço global*” pela via do turismo, na medida em que a região, por suas características peculiares, constitui-se polo de atração de visitantes provenientes de diferentes lugares do mundo e, assim, vem consolidando sua posição como destino turístico regional, nacional e internacional. Nessa dinâmica, o destino Barreirinhas – Lençóis Maranhenses representa, sobretudo, uma via de inserção do Estado do Maranhão na economia global, por meio do competitivo mercado turístico, capaz de atrair consumidores de “paraísos perdidos” em busca de aventura ou, mesmo, amantes do turismo voltado para a apreciação de ecossistemas, na modalidade de ecoturismo.

Um dado relevante denota o quanto o Parque, com uma extensão de 155 mil hectares, ainda está por ser conhecido integralmente em seus atrativos naturais, uma vez que apenas três áreas concentram a maior parte do fluxo de visitação: a Lagoa Azul e a Lagoa Bonita, em Barreirinhas, e a Lagoa da Gaivota, em Santo Amaro do Maranhão. Em Barreirinhas, outras áreas atraem um fluxo mais restrito de turistas, porém em caráter permanente, como o povoado do Atins, Canto do Atins, a Lagoa da Esperança, a Betânia e a Queimada dos Britos. (FERNANDES-PINTO et al, 2007)

O fato é que o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses constitui, nos tempos contemporâneos, um “lugar turístico” aberto para o mundo. Em verdade, é a “produção do turismo” a fazer de um majestoso espetáculo da natureza um “localismo globalizado”.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto Nº 86.060**, de 02 de junho de 1981. Cria, no Estado do Maranhão, o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, com os limites que especifica e dá outras providências. Disponível em:
<http://www.ibama.gov.br/siucweb/mostraDocLegal.php?seq_uc=11&seq_tp_documento=3&seq_finaliddoc=7> Acesso em: 13 de jul 2008.

_____. **Lei Nº 9.985** de 18 de julho de 2000. Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza – SNUC. Disponível em:<<http://www.planalto.gov.br/leis>> Acesso em: 10 de nov.2009.

_____. Ministério do Meio Ambiente. **Diretrizes para visitação em Unidades de Conservação**. Brasília, 2006. 72p.

CARLOS, Ana Fani A. O turismo e a produção do não-lugar. In: Yázigi, E., Carlos, A. F. A., Cruz, Rita de C. A. (orgs.) **Turismo: espaço, paisagem e cultura**. 2 ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

CARVALHO, A. M. P. de. “Globalização” em questão: subsídios para análise do mundo que vivemos. In: Rigotto, Raquel M. (org.) **As tramas da (in)sustentabilidade: trabalho meio ambiente e saúde no Ceará**. Fortaleza: Inesp, 2001.

_____. Inserção do Brasil na nova ordem do capital: a experiência do ajuste em questão. In: Braga, Elza M. F. (org.) **América Latina: transformações econômicas e políticas**. Fortaleza: Editora UFC, 2003.

CORIOLOANO, Luiza Neide M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense**. 3ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2002. (Coleção Turismo). ISBN 85-308-0536-4.

D'ANTONA, Álvaro de O. **O Lugar do Parque Nacional no espaço das comunidades dos Lençóis Maranhenses** – Brasília. Ed. IBAMA, 2000. (Série meio ambiente em debate, 32) ISSN 1413-2583; 32.

FERNANDES-PINTO, Érika, FUKUDA, Juliana C., ANDRADE, Júlio C. S., e CAMARGOS, Maria Carolina (2007) **Como ordenar a visitação em uma unidade de conservação já amplamente divulgada?** – O caso do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Disponível em: <<http://www.physis.org.br/ecouc/Artigos/Artigo10.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2009.

FERRARA, Lucrécia D'Alessio. Do mundo como imagem à imagem do mundo. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. de & SILVEIRA, M. L., (orgs.) **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994, p. 45-50.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS. Unidades de Conservação do Brasil (Ibama). **Parques Nacionais e Reservas Biológicas**. I. Ministério do Interior. Brasília, 1989.

INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). **Plano de Manejo do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses**. Brasília: IBAMA/ UFMA, 2002. 365p.

RAMOS, Baial. **História de Barreirinhas**: Portal dos Lençóis Maranhenses. São Luís: Fort Com. Gráfica e Editora, 2008.

RODRIGUES, Adyr B. (Org.) **Turismo; Modernidade; Globalização**. 3 ed. – São Paulo: Hucitec, 2002.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos da globalização. IN: _____. (org.) **A globalização e as ciências sociais** – São Paulo: Cortez, 2002. (p.25 a 102)



SILVEIRA, Maria Laura. Da fetichização dos lugares à produção local do turismo. In: RODRIGUES, Adyr B. (Org.) **Turismo; Modernidade; Globalização**. 3 ed. – São Paulo: Hucitec, . 2002.

TSUJI, Tetsuo. **Região dos Lençóis Maranhenses**: cenários futuros de ecoturismo e desenvolvimento sustentável. Curitiba: Juriá, 2002.